

A Cidade da Alameda

Minês Castanheira

Era aquela imagem
que nos comovia - a da placa vazia de nome
no muro ao fundo da alameda, como um braço humano, sabendo-se todos
os nomes que já se deram a este lugar. Mas talvez nenhum se tenha escrito
assim. A maioria aprendeu-se de ouvido, como acontece com as coisas que
importam, em audição a dois palmos.

À noite o café fechava
as portas e os néons batiam pelo vidro na
laje emparedada. Lá dentro ficava quem contasse ainda quente o verso
óbvio, sobras de outras décadas, mil anos de histórias tombadas, erguidas
de quando a poesia era também ela uma língua - aberta a mão toda à
frente, com os cinco dedos alinhados
sobre a barra da janela. De
dentro para fora. Outros escutavam em chávena
fria o nome que já coube todo na mão. De manhã, as ruas recuperam o seu
ritmo prioritário, semáforos abertos e clavícula direita exposta ao mundo
inteiro. À cidade, assim, transformada do ruído contínuo, inteiro, violento,
não importam os nomes. Nem o sexo
que se lhe alcunhou, com
título de senhora e apelido de fora. Só o estorvo
que passou a ser para os outros a alameda pouco mudada, figura de braço
humano, impermeável ao ombro articulado que foi fazendo crescer os
arranha-céus em redor, subtraindo em lonjura à vista da janela. E ao nome
que já coube todo na mão. A imagem
que nos comovia era a da
placa vazia de nome no muro chegando ao fim.

E tão pouco mudou desde então na alameda. A viúva do primeiro tranca o fantasma do falecido todos os dias com dois beijos à santa - a reputação tingida aos trinta, cortesia de um marechal. Do segundo faz-se a vigília à má fama, sem arredar pé da sacada - a velha ainda exerce o posto.

Os gatos pegam-se às sete, algazarra que até cura o enguiço. À alameda não importa a cidade, fala-se mesmo outra língua, as palavras asseadas não chegam. Noutros tempos chegou a chamar-se de lá o padre para esconjurar o nome que lhe puseram os ateus de outra freguesia. A audiência unânime - bastavam três dedos para ver que não cabia.

Virando a esquina, vê-se a alameda, braço arqueado de mulher em terra de homens. Alguém da junta quis baptizar o sítio, mas depois levou-se o assunto a peito, já não houve quem salvasse o homem da tina. Ficou no tecido urbano essa imagem que comove. A da alameda onde há uma placa vazia de nome. E da cidade vieram até ao muro pôr-lhe flores.